

*poetapaulodutra coMvida.*  
 Episódio 20: Literatura e Sociedade.  
 Wilberth Salgueiro<sup>1</sup>

*poetapaulodutra coMvida.*  
 Episode 20: Literature and Society.  
 Wilberth Salgueiro

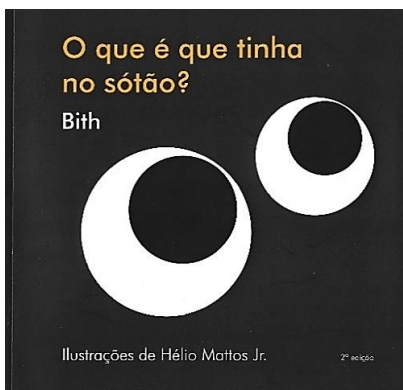
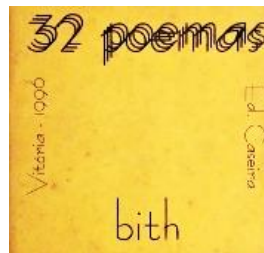
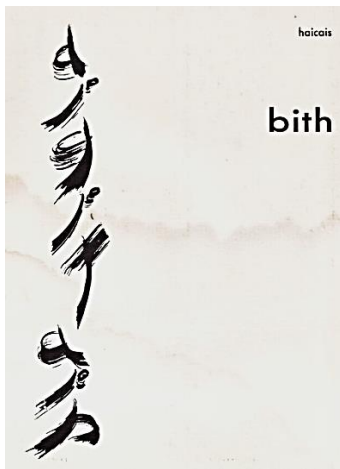
Paulo Dutra\*  
 Pedro Antônio Freire\*

**N**este último episódio do ano de 2020, eu e Gazu contaremos com a presença do Wilberth Salgueiro ou, como ele é mais conhecido, Bith. Conversaremos sobre literatura e sociedade. Lembrando que excepcionalmente o episódio irá ao ar às 19:00h. O poeta Bith é autor de vários livros: *Personcontos* (2004, sonetos) e *O jogo, Micha & outros sonetos* (2019, sonetos); narrativa infantojuvenil em *O que é que tinha no sótão?* (2013).

<sup>1</sup> SALGUEIRO, Wilberth. Literatura e sociedade. In: DUTRA, Paulo; FREIRE, Pedro Antônio (Org.). *poetapaulodutracoMvida*: Episódio 20, Literatura e sociedade, com Wilberth Salgueiro. Transmitido ao vivo em 15 dez. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=QGMdJF\\_MAUU&t=303s](https://www.youtube.com/watch?v=QGMdJF_MAUU&t=303s)>. Acesso em: 31 ago. 2023.

\* Doutor em Literatura Latinoamericana pela Purdue University (PU).

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).



Capas dos livros literários de Bith/Wilberth Salgueiro.

E o professor Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (<http://lattes.cnpq.br/4872315380917914>) é autor de *Forças & formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea* (2002); *Lira à brasileira: erótica, poética, política* (2007); *Prosa sobre prosa: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves e outras*

*ficções* (2013); *Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência* (2018) e *A primazia do poema* (2019).



Capas dos livros de ensaios de Wilberth Salgueiro.

Confirmam um texto do livro *Personcontos*, “Maria (08)”:

Falecidos, seus pais, uns intelectuais,  
deram-lhe de nascença: Verana Ravena.  
Assim sem sobrenome, sem crisma, sem pena.  
Um dia, sem que tais, se disse: nunca mais!

Sim, odiava o próprio nome. No cartório,  
o escrivão Carlos Vaz, de cor: “Você faz  
conforme o seu doutor advogado. É só.”  
Mudaria afinal os nomes infernais.

Mas seu destino estava escrito em alexandrino:  
casou-se com Edgar, poeta e da garrafa.  
A vida imita a arte? Não quero ser *partner*

(pensou, rindo da rima, tão rica e bilíngüe)  
em tramas de sinais. Agora sou Maria  
– anagramas jamais – Maria de Maria...<sup>2</sup>

<sup>2</sup> BITH [Wilberth Salgueiro]. *Personcontos*. Vitória: Flor&Cultura, 2004. p. 20. [N. E.].



MARIA (08)

Falecidos, seus pais, uns intelectuais,  
deram-lhe de nascença: Verana Ravena.  
Assim sem sobrenome, sem crisma, sem pena.  
Um dia, sem que tais, se disse: nunca mais!

Sim, odiava o próprio nome. No cartório,  
o escrivão Carlos Vaz, de cor: "Você faz  
conforme o seu doutor advogado. É só."  
Mudaria afinal os nomes infernais.

Mas seu destino estava escrito em alexandrino:  
casou-se com Edgar, poeta e da garrafa.  
A vida imita a arte? Não quero ser *partner*

(pensou, rindo da rima, tão rica e bilíngüe)  
em tramas de sinais. Agora sou Maria  
– anagramas jamais – Maria de Maria...

20 :: PERSONAECONTOS

Capa de *Personaecontos* e página do poema "Maria", de Bith.

**Paulo Dutra:** Eu estou vivo e ao vivo<sup>3</sup>. Eu sou o poeta Paulo Dutra; estamos aqui com *poetapaulodutra coMvida* e chegamos ao episódio número 20, o último episódio deste ano de 2020. Hoje, nosso episódio intitulado "Literatura e sociedade" [...]. Gazu se apresenta. Fala, Gazu.

**Pedro Freire [Gazu]:** Pedro Gazu vulgo Pedro Antônio Freire, professor, Doutor em Estudos Literários, virtual poeta, ativista virtual (Facebook, Instagram Twitter e onde mais der). Querendo prolongar o papo, lá estamos.

**PD:** Valeu, Gazu. [...] Nós temos hoje com a gente o prazer, o enorme prazer de ter aqui o nosso mestre Bith, pra gente, vulgo Wilberth Salgueiro, Wilberth Claython Ferreira Salgueiro, e vai se apresentar. Diga lá, Bith.

<sup>3</sup> Transcrição realizada pelo Neples. Para dar ao texto maior legibilidade, optamos por excluir, em geral, o excesso das diversas marcas próprias da conversa coloquial, como expressões expletivas ("né?", "ai", "assim", "Aham", "Hum", "sabe?", "então" etc.), e as frases repetidas ou fragmentadas pela hesitação, dúvida ou gagueira eventual.

**Wilberth Salgueiro:** Agora, abri aqui o chat e os comentários: monte de gente conhecida aqui, gente, agora que levei um susto [Risos]: Paulo Sodré, Vitor Cei, Fiuza... Boa noite a todos aí. Bater um papo com os amigos Pedro Gazu e Paulo Dutra sobre o que quiserem, quer dizer, tá dito lá "Literatura e sociedade", mas pode literatura, poesia, enfim, o que rolar aí a gente conversa.



poetapaulodutra coMvida episódio 20: Literatura e Sociedade



poetapaulodutra c...  
341 inscritos

Inscrito

40

Compartilhar

Print da exibição do Episódio 20 do *poetapaulodutra coMvida*, com Bith (Wilberth Salgueiro), Paulo Dutra e Pedro Gazu (Pedro Freire), em 2020.

**PD:** Valeu, Bith. [...] Como de praxe, o título "Literatura e sociedade" eu acho que é praticamente autoexplicativo, mas a gente pode...

**PF:** ... Hoje vai ser dia, sabe? A internet não quer colaborar... Eu acho que ela tá emocionada pelo Wilberth Salgueiro, grande amigo mestre... [Risos].

**PD:** Mas manda brasa, Gazu, é sua vez.

**PF:** Mas, Bith, só de praxe, é porque a gente pede para que o convidado diga para a gente um depoimento sucinto daquele estado ou daquele ditado que fizeram com que você se identificasse com a causa, como é que você se tornou... um dia que você falou assim: “Cara eu tenho que ser escritor mesmo, não tem outra coisa pra fazer, além de jogador de futebol; eu tenho que ser escritor”... Como é que foi isso?

**WS:** Bom, a primeira coisa que tenho a dizer antes para você e seus colegas que estão ouvindo aqui, agora, ao vivo, e aos futuros espectadores deste nosso bate-papo, que eu não preparei nada, que não tem nada preparado; então, assim tudo na base do improvisado, diferentemente do que a gente faz, quando a gente dá aula, a gente planeja, ou quando faz uma palestra, está tudo planejado. Então, improvisado. Eu já pensei, já dei, já escrevi uns três ou quatro depoimentos nesse sentido de como a gente se descobriu em literatura ou arte em geral. Mais uma especulação, não tem nenhum estopim nem nada especificamente. Mais uma especulação: eu venho de uma família muito pobre; não tinha intelectuais nem leitores na minha família; eu sou o primeiro de uma família – nós somos eu e mais quatro irmãos –, não só da minha própria família, mas a dos meus parentes todos – somos de uma cidade pequena do estado do Rio de Janeiro –, não tenho notícia de nenhum, não só de nenhum intelectual como nenhum leitor. Então, não sei como foi; não foi de família, não foi de pai, não foi de mãe, não foi de irmão, não foi de tio, nada disso.

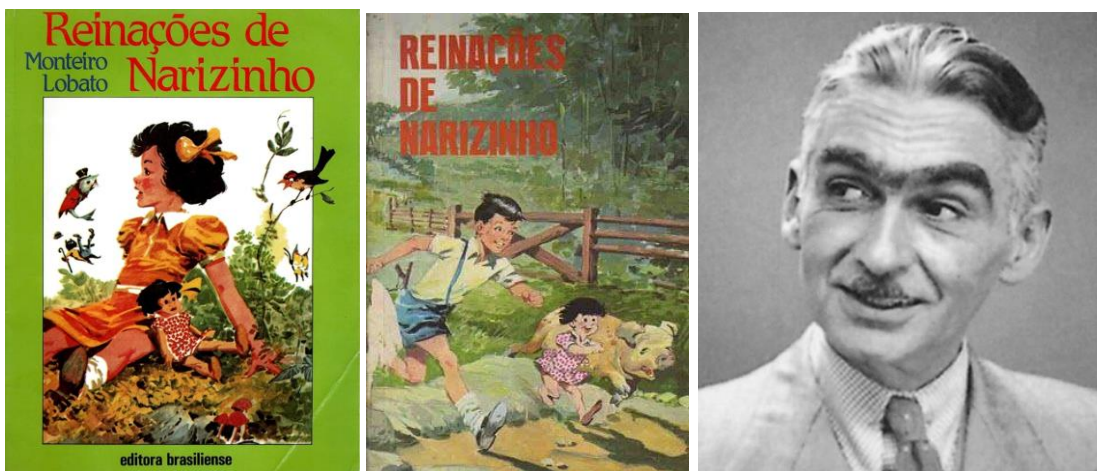




Página do jornal *A tribuna* com notícia sobre Bith, aos 13 anos, recebendo prêmio pela redação sobre Censo, em 1977 (Acervo do autor).

A minha hipótese de como vim a dar nisso é uma coisa muito curiosa: minha hipótese é sócio-psicanalítica, digamos assim, porque tenho um irmão que é dois anos mais velho que eu. Ele foi para a escola, tipo com 7 anos, no interior, e a minha mãe, com um monte de coisas para fazer em casa, ela me mandava para a escola junto com meu irmão. Eu tinha cinco anos de idade, meu irmão tinha 7 (ou 6 ou 4 ou 7 ou 5). Então, comecei a frequentar a escola antes; no interior, a professora e a diretora deixavam. Comecei frequentar a escola muito cedo, dois anos antes de ser matriculado. Então, a minha hipótese especulativa é que venha daí uma espécie de precocidade, o contato com aula, com leitura; ficava vendo os moleques lá estudando. O meu irmão mesmo me fala que tem uma triste história, nesse sentido, porque meu irmão me fala, brincando, que eu era pequenininho, e a professora me usava; a professora saía da sala e falava assim: "Agora vou deixar o Wilberth tomando conta de vocês; na volta Wilberth me conta quem fez bagunça". Ela saía e eu entregava todo mundo: "Fulano fez bagunça, fulano fez bagunça..." e tal. É essa parte negativa da minha história...

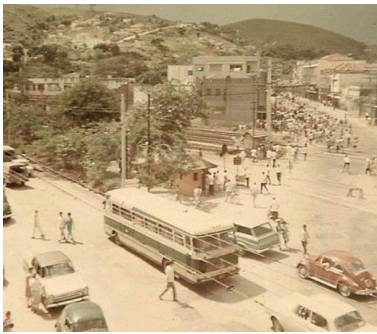
[Risos]. Daí fui crescendo na escola. Uma coisa superclichê: eu li umas coisas; é superclichê da parte dos escritores, sobretudo da minha geração – acho que a geração de vocês, mais nova, eu tô percebendo que começa a haver um certo esquecimento do Monteiro Lobato –, mas para minha geração ainda o Monteiro Lobato foi muito importante. Escritores mais velhos como eu ainda recordam Monteiro Lobato. Hoje em dia, os escritores mais jovens parecem não ter lido Monteiro Lobato.



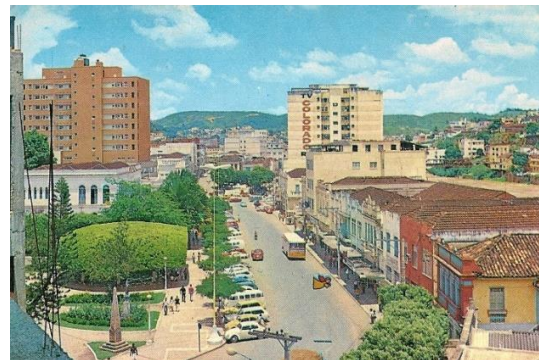
Uma das referências iniciais de leitura de Bith:  
Monteiro Lobato e o clássico *Reinações de Narizinho* (Fotos sem crédito).

E aí um dia, lá para uns nove ou dez anos, que é a minha lembrança mais clara, comecei a ler que nem um doido; eu frequentava a biblioteca. Morei em duas cidades do interior, interior do estado do Rio, chamada Três Rios, e depois no Cachoeiro do Itapemirim, aqui no interior do Espírito Santo. Eu tinha duas coisas para fazer muito: que era jogar bola, como eu jogo até hoje, e ler, como eu leio até hoje. Então, era ratinho de biblioteca e ratinho de quadra de pelada etc. Eu comecei com essas duas atividades que até hoje eu mantenho, cada uma com suas ramificações. Como você mesmo disse agora há pouco, como eu não consegui ser jogador profissional – quase fui; por pouco – me restou ser não escritor, mas propriamente professor.

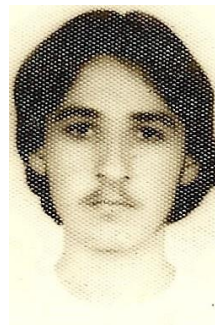




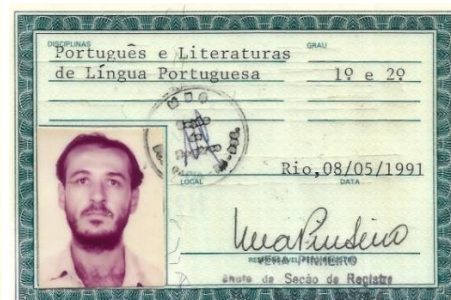
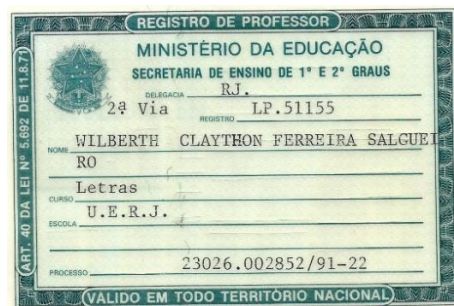
Três Rios na década de 1960 (Foto sem crédito).  
Fonte: Memórias de Três Rios.



Cachoeiro de Itapemirim nos anos de 1960 (Foto sem crédito).  
Fonte: Cidades brasileiras em postais.



Wilberth Salgueiro em 1973, aos 9 anos,  
aos 17 e, em 1985, aos 21 (Acervo do autor).



Carteira de estudante de Bith,  
durante a graduação em Letras pela Uerj, em 1991 (Acervo do autor).

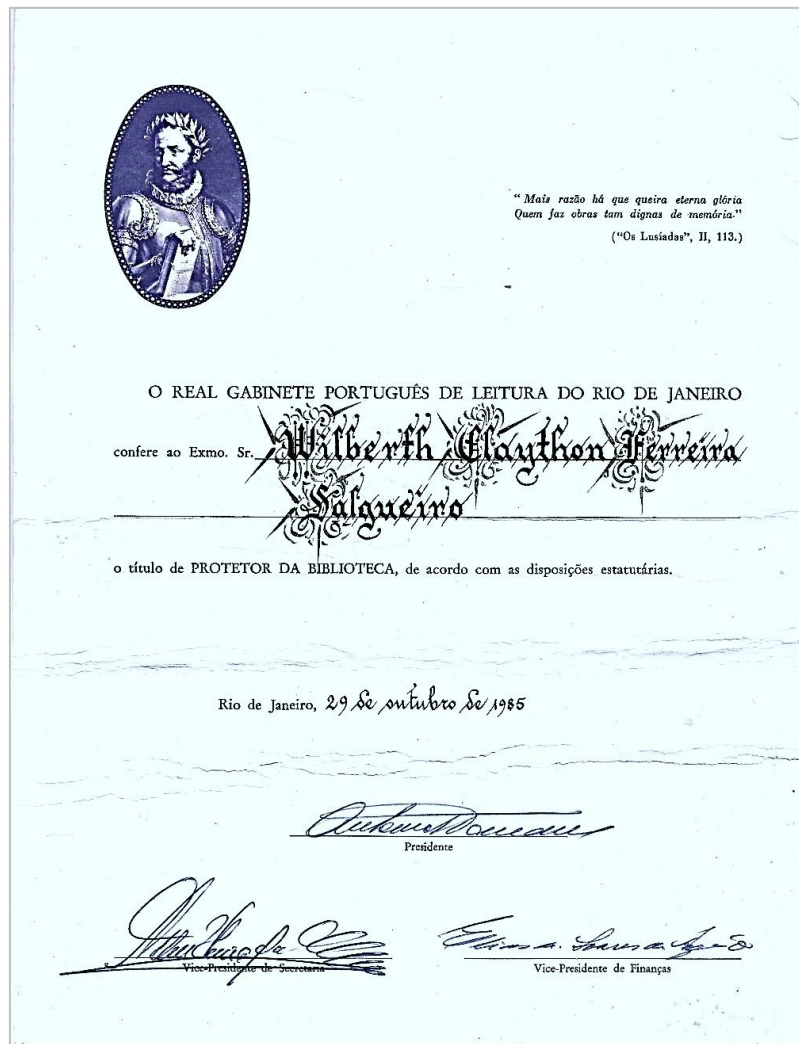


Pindorama Futebol Clube, time de escritores brasileiros, fundado em 2013, reunidos em Paraty, em 2014 (Foto de Márcia Foletto).  
 Fonte: [https://www.facebook.com/pindoramafc/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/pindoramafc/?locale=pt_BR)



Bith no Pindorama (Foto sem crédito).  
 Fonte: [https://www.facebook.com/pindoramafc/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/pindoramafc/?locale=pt_BR)

E entre os professores da nossa área de Letras, talvez a maioria de nós de Letras, da área de Literatura especificamente, eu acho que a maioria de nós gosta de escrever. Então, hoje em dia, embora eu também faça meus poemas, sobretudo sonetos, que é o tipo de composição que eu gosto mais de escrever, eu tenho cada vez mais – não é nem me identificado –, eu tenho mais, até por ossos do ofício, tenho me dedicado mais à crítica literária, que também é uma escrita... [inaudível] evidentemente, e que me toma bastante tempo.



Certificado de "Protetor da Biblioteca" de Bith, concedido pelo Real Gabinete de Leitura, em 1985 (Acervo do autor).

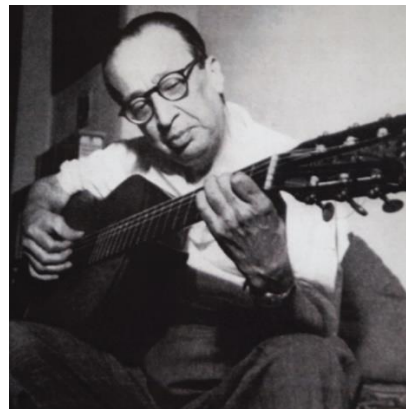
Agora, só para finalizar não uma trajetória, mas uma historinha assim, eu faço parte, do ponto de vista das atividades de produção, de um GT da Anpoll, um grupo de trabalho chamado Teoria do Texto Poético – teve até um encontro agora essa semana da Anpoll<sup>4</sup> – e lá um dos poetas que mais aparecem é o João Cabral de Melo Neto, que é, de fato, um dos meus preferidos. Tem a trindade: para mim é Cabral, Bandeira e Drummond.

<sup>4</sup> Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (N. E.).



Capas dos números de 2020 da *Texto Poético*, revista do GT Teoria do Texto Poético, da Anpoll, de que Wilberth Salgueiro é membro.

E o Cabral, ele – encerro essa minha fala com... –, eu entendo muito Cabral, ele fala assim: *Eu queria, na verdade, é ser crítico literário* – aí o Cabral falando – *mas como eu me achava incompetente para ser crítico literário eu fui ser poeta*. É o Cabral dizendo que ele não se achava competente o suficiente para ser crítico literário, ele achava mais fácil ser poeta. Então, quando Cabral diz isso de si mesmo, veja só... Enfim, as palavras iniciais aí.



A “trindade” de Bith: João Cabral de Melo Neto (e seu *A educação pela pedra*), Manoel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade (Fotos sem crédito).

**PF:** Bith, na sua vida já teve autor difícil, poeta difícil, aquele que você falou assim: *Cara, o que esse cara tá querendo dizer?* [...] Fala pra gente.

**WS:** Rapaz, tem até hoje. Como você sabe, especificamente, e alguns colegas que estão aqui nos ouvindo sabem que eu estudo a questão especificamente do jogo da poesia e do testemunho, e um cânone do testemunho mundial, que é Paul Celan, o poeta romeno que foi preso, ficou no campo de extermínio [...], mas sobreviveu, embora depois tenha se suicidado. Paul Celan é um poeta, de fato, e ele é consensualmente considerado um poeta hermético. É um dos que recentemente, já adulto, já bode velho, eu posso dar esse exemplo. De fato, é muito difícil [...] se der um poema de Paul Celan sem der muitas dicas a galera fica doida, porque é difícil de entender. Entre nós, no Brasil, aí já comecei a ler no ensino médio e mesmo na graduação [...] – eu estou falando num tom muito professoral, porque é indissociável: o poeta, o crítico, o professor, não dá pra separar – um poeta no Brasil que é considerado uma espécie de nosso Mallarmé, dos famosos, um bastante hermético que é o Jorge de Lima, com o seu *Invenção de Orfeu*; aquilo é bonito; você lê o Jorge de Lima: *Nossa, arrasou, lindo!*, mas você entendeu bulhufas. Era uma experiência que eu tinha com poesia.



Poesia hermética, segundo Wilberth Salgueiro:  
Paul Celan e Jorge de Lima (deste o *Invenção de Orfeu*) (Fotos sem crédito).

Retrospectivamente, assim, eu mais jovem, pensando mais em termos mais de poesia do que de prosa, o próprio Cabral sempre foi uma... *A educação pela*

*pedra*, do Cabral, que é um clássico hoje em dia, com o qual eu trabalho, estudo e tal, o Nicolas Behr tem um trocadilho muito legal, que eu concordo com ele: é uma educação pela *pedrada*. Não é “educação pela pedra”, é educação pela *pedrada*, porque aquilo é uma *pedrada* mesmo. Cabral é um cara que tem poemas muito palatáveis, mas tem outros que afastam e espantam o leitor. Cabral é um poeta difícil; tem coisa aqui e acolá... Mallarmé, *Um lance de dados*, de Mallarmé, aquele poeminha, aquele poemaço de 16 páginas, que ele fez no final do século XIX, milhares de pessoas já se debruçaram sobre aquilo e ninguém se entende sobre o que quer dizer bem aquilo; são várias dobras ali. Também é um poeta difícil, mas eu já estudei mais no mestrado ou doutorado. Agora o difícil, você falou do difícil, agora fazendo uma homenagem a dois falecidos, um recentemente com a Covid, Sérgio Sant’Anna – morreu já tem alguns meses no começo da pandemia –, o Sérgio Sant’Anna deu uma entrevista, uma vez, falando dele conversando com Haroldo de Campos sobre literatura, e o papo era mais ou menos esse: o que é difícil e o que era fácil. Aí ele fala que o Haroldão falou para ele assim: *Olha, quem procura o fácil acha o fácil, mas não acho que seja o caminho de um bom escritor*. E o Haroldo, por sua vez, também é um escritor bem... difícilíssimo; você pega... o Haroldo, pelo menos, você pega *A educação dos cinco sentidos* dele, você lê o poema, entende alguma coisa, mas depois, no final, tem cinco páginas de notas que ele dá, “As novas Estações”; ele explica o poema, [cada] poema tem uma parte que é analítica, que ele mesmo dá as fontes, digamos assim. Eu tô só me referindo a poetas, para não entrar na prosa, que já é outro mundo também de autores difíceis.



Ainda a poesia hermética, segundo Wilberth Salgueiro:  
Stéphane Mallarmé e seu *Um lance de dados*,  
e *A educação dos cinco sentidos*, de Haroldo de Campos (Fotos sem crédito).

E para terminar a minha resposta e pegando a palavra-chave *difícil*, tem um poeminha muito legal, do Mário de Andrade, chamado “Lundu do escritor difícil”<sup>5</sup> [...], que é uma zombaria com esse tipo de escritor que quer ser difícil, quer ser complexo e tal, e às vezes é mais confuso do que complexo. Tem poema difícil, já que eu tô aqui na roda, tem poema que eu mesmo escrevi que nem eu entendo, e, no entanto, tá publicado. Mas acontece.

**PF:** Você já foi chamado de hermético? Como é que você trabalha suas concessões? Como é que você chega uma hora, assim, você fala: *Aqui vou dar uma colher de chá para o leitor; aqui, não, aqui não vai dar colher de chá, não; aqui se ele quiser ele vai ter que pesquisar...* Como é que é isso? Como é que trabalha [inaudível].

**WS:** Acho que eu nunca pensei nisso, rapaz... [...] Eu não me lembro, em relação à concessão, não me lembro de ter feito... eu nem penso nisso. Ao contrário, e não tem nenhuma modéstia ou imodéstia nisso, não se trata de nenhum autoelogio, nada disso, mas como eu falei, como eu me habituei e escolhi fazer sonetos, e os meus sonetos têm uma certa especificidade, é tudo engenho, um cálculo matemático, de fato, eu por opção minha, em termos de ter disciplina formal, eu quero que os meus sonetos sejam todos decassílabos e os versos sejam sáficos ou heroicos. Eu, como o Cabral, não suporto rimas consoantes, eu só gosto de rimas toantes. Então, eu tenho umas fórmulas de exigência que em geral tornam um poema um pouco mais difícil, do ponto de vista formal. Para compensar essa possível dificuldade formal que o malabarismo matemático me obriga a fazer, é por isso que eu fui um pouco para a questão da narratividade. Eu gosto de contar historinhas, enredos narrativos nos poemas. Assim como Cabral, também não gosto, não suporto de fazer, e em geral não gosto nos

<sup>5</sup> ANDRADE, Mário de. Lundu do escritor difícil. In: \_\_\_\_\_. *Poesias completas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976. p. 286-287. O poema pode ser encontrado também em “Sete poemas de Mário de Andrade”, de Claudio Daniel, seleção publicada no jornal online *Vermelho* <<https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/claudio-daniel-sete-poemas-de-mario-de-andrade/>> (N. E.).

outros, isso que é o mais conhecido, a chamada poesia lírica de onde vem o tal, o famigerado e ultrapassado, démodé, cafona eu lírico. Então, não suporto esse tal de eu lírico; ele não gosta que de temas líricos. Então, nesse sentido, sou muito cabralino. Quem quiser que use o tal de eu lírico, o que queira, mas não faz parte da minha concepção. Então, nunca pensei em termos de concessão, não; não tem concessão que eu me lembre, que eu saiba, não.

**PF:** Para você a boa poesia é para ser lida ou para ser falada?

**WS:** [Risos] Cê tá parecendo o Abujamra...

**PD:** Deixa eu falar aqui uma coisa, Bith. O Gazu, acho que como ele conhece o autor, ele tá fazendo concessões aqui...



Print da exibição do Episódio 20 do *poetapaulodutra coMvida*, em momento descontraído.

**WS:** [Risos] Claro, a poesia lida e a poesia falada não se opõem, uma não disputa o lugar da outra, evidentemente. Agora, eu prefiro poesia lida. Como você sabe, eu gosto da poesia no papel ou para ser lida ou para ser vista. A poesia falada, eu acho que é um mérito, é um a mais, um *plus* de quem consegue fazer uma poesia (para mim, para o meu gosto, é uma poesia que no papel, com toda a estrutura que o papel exige, para ler, ou para ver – no caso de poesia visual,



poesia concreta), quem consegue fazer um poema bacana e que também seja *lível*, que possa ser lido, legal. Mas eu, em geral, não gosto de poesia especificamente oralizante. Então, por exemplo, essa que agora tá muito na moda, é uma coisa do nosso tempo, aqui e acho que lá nos States, no Brasil tá muito forte isso, a questão do *slam*. É uma poesia muito falada, muito rítmica, que tem um parentesco com o rap e tal. Estudo, respeito, mas não é a poesia de que eu mais goste, embora eu entenda a sua base cultural, entenda tudo que isso movimenta, tudo que isso agrega e a importância de tudo isso. Mas eu, acho que a minha geração, a minha constituição, eu gosto do poema na página, no papel. Adoro poesia visual, poesia concreta ou poesia visual, em geral, porque eu gosto da palavra... foi como me constituí como intelectual, escritor, professor, o negócio da poesia da palavra na folha, é tanto, que as coisas meio que se misturam, eu também não sou nenhum apocalíptico da questão do livro digital, do Kindle etc. tal, mas eu prefiro livros de papel, pra riscar, pra fazer uma orelha, pra dobrar, pra ler na rede, pra ler no banheiro, pra ler no elevador, sobretudo pra ler com caneta na mão e sair riscando tudo. As coisas têm uma conexão. Eu sou ainda um cidadão da geração de papel, e dá para conviver. Repetindo: eu prefiro poesia lida.



Print do podcast *Rádio Palavra* com apresentação de leitura de poema de Wilberth Salgueiro, em 2020.

Voltando ao Cabral, mais uma vez, o Cabral fez lá o *Morte e vida severina* – poema para ser lido em voz alta, é um poema longo do Cabral, mais conhecido,

mais estudado, cai muito no vestibular, é um poema que o pessoal, que a molecada em geral mais entende –; é o único poema que já ouvi Cabral falando que ele não gosta; ele não gosta de *Morte e vida severina* porque é muito oralizante. O Cabral, ele tem exatamente uma poesia que é da palavra, que é do verso. Ele já não gostava de música, muito, então, não gosta, para o Cabral, não gosta dessa facilidade. Não é à toa que eu tô falando muito de Cabral, porque é para mim uma espécie de paradigma, embora Cabral, que eu me lembre, nunca tenha feito nenhum soneto; não me lembro de existir soneto de Cabral [...]. Diga, Abujamra [Risos].

**PF:** O Cabral, apesar de ser rigoroso com a música, ele era leitor de cordel, né? Salvo engano, ele tem um poema em que ele faz alusão ao cordel, que ele lia cordel para os trabalhadores do engenho do pai dele, não é isso?

**WS:** Isso. Esse poema dele é maravilhoso, chamado “Descoberta da literatura”. É um poema maravilhoso. E diferentemente do que ele fez na maior parte da obra, que ele sempre fez – sempre não, quase sempre –, o verso do Cabral preferido é o octossílabo. Eu brinco, você lembra disso, nas nossas aulas, que eu falo do Cabral que ele adorava octossílabo e ele é um octossílabo: Jo-ão-Ca-bral-de-Me-lo-Ne(to), é um nome com oito sílabas. Era o verso dele preferido. Esse poema ao qual você se refere, chamado “Descoberta da literatura”, ele fez em sete sílabas, como se fosse um cordel, e o poema de um bloco só, deve ter uns trinta ou quarenta versos, mais ou menos, não tem estrofes, ele é um monobloco. É maravilhoso, porque ele conta – um poema muito narrativo – como se fosse um poema memorialístico do Cabral. Ele, criança na fazenda, quando saía um cordel novo, um “barbante”, eu chamo cordel novo, ele levava para os trabalhadores lá do eito da fazenda e lia pra eles aqueles cordéis novos. E os trabalhadores se amarravam, adoravam isso que ele lia. Até que um dia – que na casa grande, de onde ele é, na verdade, ele era filho do proprietário, não era um peão lá da roça, mas ele tinha essa solidariedade com os peões –, até que um dia que descobriu isso – ele fala no poema –, ele foi denunciado porque levava essas historinhas pro pessoal lá da roça; ele foi, criança, com oito anos,

parece, denunciado e teve que parar, então foi proibido de fazer esse contato com os peões. [...]

[...]

**PD:** Vou trazer aqui o maior fã, tiete mesmo, do Wilberth. Trazer aqui para ler um poema do Wilberth [...].



Print da exibição do Episódio 20 do *poeapaulodutra coMvida*, com participação de Felipe Fiuza.

**Felipe Fiuza:** Obrigado, Paulo, pelo convite. Vamos lá, eu vou começar com um poema do livro *Personcontos*, do Bith; vou ler o poema título, "Bith":

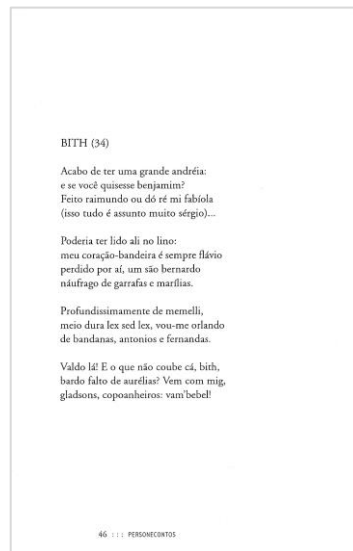
Acabo de ter uma grande andréia:  
e se você quisesse benjamim?  
Feito raimundo ou dó ré mi fabíola  
(isso tudo é assunto muito sérgio)...

Poderia ter lido ali no lino:  
meu coração-bandeira é sempre flávio  
perdido por aí, um são bernardo  
náufrago de garrafas e marílias.

Profundissimamente de memelli,  
meio dura lex sed lex, vou-me orlando  
de bandanas, antonios e fernandas.

Valdo lá! E o que não coube cá, bith,

bardo falto de aurélias? Vem com mig,  
gladsons, copoanheiros: vam'bebel!<sup>6</sup>



Capa de *Personecontos* e página do poema "Bith", de Bith, lido por Felipe Fiuza.

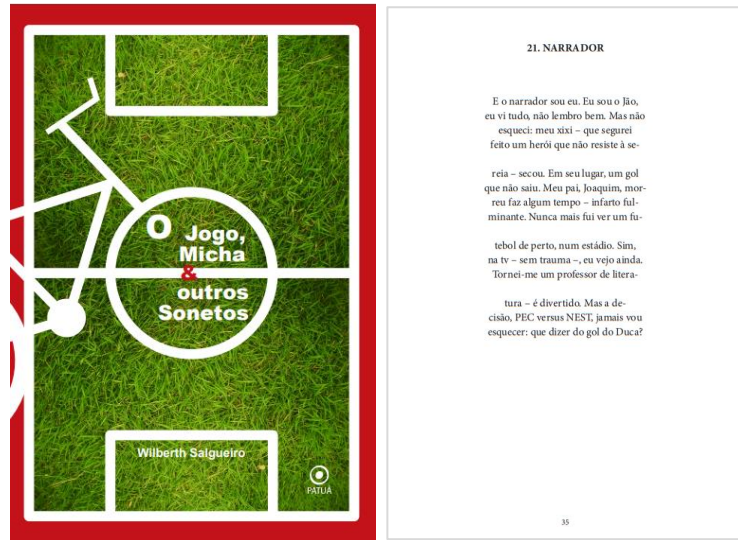
**PD:** Vai ler outro?

**FF:** Vou. Esse é do *Personecontos*; vou ler agora d'*O jogo, Micha e outros sonetos*. "Narrador":

E o narrador sou eu. Eu sou o Jão,  
eu vi tudo, não lembro bem. Mas não  
esqueci: meu xixi – que segurei  
feito um herói que não resiste à se-  
reia – secou. Em seu lugar, um gol  
que não saiu. Meu pai, Joaquim, mor-  
reu faz algum tempo – infarto ful-  
minante. Nunca mais fui ver um fu-  
tebol de perto, num estádio. Sim,  
na tv – sem trauma –, eu vejo ainda.  
Tornei-me um professor de litera-  
tura – é divertido. Mas a de-  
cisão, PEC versus NEST, jamais vou  
esquecer: que dizer do gol do Duca?<sup>7</sup>

<sup>6</sup> BITH. Bith (34). In: \_\_\_\_\_. *Personecontos*. Vitória: Flor&Cultura, 2004. p. 46. (N. E.).

<sup>7</sup> SALGUEIRO, Wilberth. Narrador. In: \_\_\_\_\_. *O jogo, Micha & outros sonetos*. São Paulo: Patuá, 2019. p. 35. (N. E.).



Capa de *O jogo, Micha & outros sonetos* e página do poema "Narrador", de Wilberth Salgueiro, lido por Felipe Fiuza.

**PD:** Valeu, Fiuza. [...] Bith, em geral eu não faço muitas perguntas, não... mas, fale um pouquinho pra gente do *Personcontos*. Sem querer te desanimar a continuar escrevendo, mas para mim continua sendo a sua obra-prima o *Personcontos*. E eu lembro do lançamento, foi histórico, lá no lava-jato [...].

**WS:** [Risos] Foi histórico, no lava-jato [...]. Pra quem tá ouvindo, esse livro aqui eu lancei mesmo num lava-jato, que existia em frente à Ufes; uma noite bacana. [...]. Esse livro aqui, *Personcontos*, foi com que eu estreei como sonetista, em 2004, quando – tem que ter um pretexto: em 2004, eu fiz 40 anos –, então juntei uns sonetos. Por que ele se chama "personcontos"? Porque é um neologismo que junta três palavras: são sonetos, contos e persona, de personagem. Meio que assumindo minha incapacidade ou falta de tempo, talvez – agora, quando me aposentar daqui a uns dois ou três anos, eu vou tentar investir na prosa e no romance –, mas resolvi contar; não sendo um bom prosador, resolvi tapar essa lacuna, essa deficiência, contando histórias em versos. E que tipo de verso? Em sonetos, naquela forma, como já falei pra vocês, tudo bem matematicamente calculado, digamos assim. Então, são 50 sonetos, cada um evidentemente com sua autonomia, mas todos eles têm uma base comum, que contam histórias de

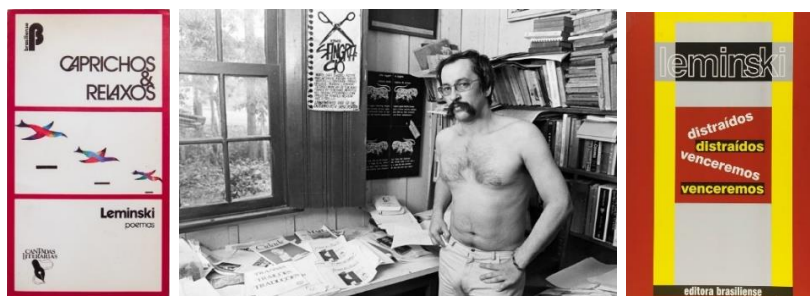
personagens. Esse que o Gazu leu, que eu chamei de “Bith”, brincando, eu mesmo dando o título ao soneto, é porque há uma série de trocadilhos (Perdão, foi o Felipe Fiuza que leu), é porque eu fiz um soneto fazendo uma série de trocadilhos com os nomes de colegas próximos, daquela época. [...] Cheio de bossas: “Valdo lá!”, Valdo é um amigão do Rio de Janeiro, esse “alto lá” é “Valdo lá!”. Esse primeiro verso do primeiro terceto, eu falo “Profundissimamente de memelli”, Memelli é o amigão nosso, o Antônio Fábio Memelli. Eu quis emular, brincar, lembrar, fazer uma referência a esse verso primoroso da poesia brasileira, do Augusto dos Anjos, “profundissimamente hipocondríaco”, ele faz um decassílabo só com duas palavras. Então, em vez de “profundissimamente hipocondríaco”, eu fiz “profundissimamente de memelli” e assim por diante. Aí, brincando com esse tal de eu lírico, chamei esse poema, composto a partir de trocadilhos com nome de amigos, de “Bith”, como se nós fôssemos um mosaico do que nos rodeia. Então, *Personcontos* é isso. Tem uma bossa. Já deve existir, mas puxei pela memória e não me lembrei, embora eu não tenha certeza se é original [...]: eu peguei os poemas e mandei para vários colegas da época, que eram mais próximos [...] para fazerem a análise dos poemas. Então, metade dele são os poemas, os sonetos, e metade, a fortuna crítica, que já vem junto com o livro. Às vezes a gente tem dificuldade em encontrar fortuna crítica...; a fortuna crítica é muito suspeita [Risos], porque foi tudo de encomenda [...]. Tem essas especificidades. Tem uma coisa curiosa: eu fiz esse livro aqui com a... – o pessoal da antiga conheceu o Miguel Marvillá, o falecido Miguel Marvillá, grande sonetista, aliás –, o Miguel Marvillá tinha uma editora chamada Flor&Cultura, pela qual saiu o *Personcontos*. Eu acho que a editora acabou, se não me engano; Miguel Marvillá faleceu. E ele entrava com algum ensaio no livro, mas ele atrasou, não conseguiu fazer. Como ele fez o livro, praticamente sem me consultar, só no finalzinho que ele me falou, ele fez um soneto que veio aqui na quarta capa. Então, esse “Soneto para a quarta capa”, que ele fez *ad hoc*, fez para esse livro, já que ele no final, já indo para gráfica, me fez a pergunta “Posso colocar?”. Obviamente que pode... mas eu não tinha encomendado a ele esse soneto para a quarta capa. Ele é bem bacana, é um soneto bem lindo do Miguel Marvillá. Não

sei se era isso que você queria ouvir, Paulo Dutra... Eu gosto muito do livro. Você tem uma companhia gigantesca na sua opinião, um amigo nosso, já recebi um elogio assim, dessa envergadura, do Reinaldo Santos Neves, que é um fã ardoroso desse *Personcontos*. Você está junto com o Reinaldo Santos Neves na avaliação dessa minha obrinha [Brincando].

**PD:** Sim. [...] Mas eu também, depois, escrevi, na verdade, um artigo sobre um dos *Personcontos* [...]. Eu fiz o comentário sobre um dos sonetos depois que ele estava publicado, mas aí ficou perdido na história... Gazu, manda brasa.

**PF:** [...] Bith, você tem uma pegada cabralina, mas tem a dicção leminskiana, né? Como é que é trabalhar nessas duas frentes? Fala pra gente.

**WS:** Eu até hoje gosto muito do Leminski. O que é que eu tenho percebido: boa parte dos professores, escritores, críticos mais velhos, em geral, não têm muita paciência com Leminski, não. É um autor mais para a molecada mais jovem, cheio do humor, cheio do trocadilho e tal. Talvez tenha a ver com essa lógica aí, mas antes de ser sonetista, eu fazia haicais. Um dos meus autores prediletos com o haicai era o Paulo Leminski. Eu, como boa parte dos escritores jovens, dos anos 80 para cá, no Brasil, que fazia haicai, a gente se espelhava no Leminski. Era um modelo para nós, porque não só fazia haicai, mas era figura, alegre, divertida, judoca, que estudava [a comunidade] japonesa, enfim, era uma personalidade muito extravagante.



Paulo Leminski, um dos escritores prediletos de Bith na juventude (Foto sem crédito), e capas de seus livros de poemas.

Antes do *Personcontos*, eu lancei esse livro de haicais, chamado *Digitais*. Nesse livro que, especificamente nesses haicais, que a minha verve leminskiana, mais humorada, acho que está mais aqui no *Digitais* do que depois nos sonetos. No *Personcontos* ainda tem bastante. Agora, é difícil manter uma pegada de humor, ainda mais um humor leminskiano, que é rápido, que é tiro e queda, em sonetos. No soneto você tem, às vezes, uma expressão, um verso que é um pouco mais engraçado, mas o soneto como um todo, diferentemente do haicai, que pode ser piadístico, é difícil fazer assim uma piada com um soneto com 14 versos, ainda mais metrificado e com rimas toantes, que fica mais difícil ainda, porque tem que ter uma espécie de harmonização do som, no caso dos haicais ou de poemas curtos. Mas conjugar Leminski com Cabral não é tão difícil. Você fez essa equação, isso me lembra, por exemplo – para responder de modo transverso e justificar por que dá para equacionar Cabral com Paulo Leminski –, o Glauco Mattoso que, hoje, dos poetas vivos no Brasil, dentre os sonetistas, eu acho que o Glauco e o Paulo Henriques Britto são dois dos principais sonetistas no Brasil, o Glauco Mattoso é muito interessante. Quando perguntam a ele quais são os autores nos quais ele se inspirou, ele fala: *Os meus dois ídolos são Augusto de Campos e Millôr Fernandes*. Assim, o meu Cabral tá um pouco para Augusto de Campos, o meu Leminski está um pouco para Millôr Fernandes. Um poeta humorado, Millôr Fernandes, que o Glauco gosta, um poeta, chamado de erudito, no caso do Augusto de Campos.



Os principais sonetistas brasileiros, segundo Bith:  
Glauco Mattoso (Foto sem crédito) e Paulo Henriques Britto (Foto de Lucas Seixas).



Eu acho que tem um espírito leminskiano, que é um espírito de... que o Cabral tem, mas é de outra ordem; tem um espírito leminskiano, que é trabalhar assim na micrologia da palavra, com chiste aqui, um chiste ali, um neologismo aqui e outro acolá, que o Cabral não tem muito; o Cabral é mais um cara do verso, e o Leminski é mais um cara da palavra, se puder dividir assim, digamos. O Cabral era famosamente..., embora tenha poemas com muito humor também, sobretudo no *Crime na Calle: relator*, nesses dois últimos livros do Cabral são poemas bem engraçados, mas o Cabral em geral não é nada engraçado, nem na poesia, nem na vida real. Cabral é muito mal-humorado, parece que exceto para com os próximos. E o Leminski, ao contrário, muito brincalhão. Ambos têm comportamentos na vida bem diferentes entre si, que tem a ver com a poesia que fizeram: Leminski, na poesia, ele, engraçado, muito brincalhão, e uma poesia, desse modo, parecida com ele. Isso parece óbvio, mas não é tão óbvio assim, não. Às vezes, as pessoas escrevem muito diferente do que são; às vezes, coincide, mas, às vezes, não coincide. Estou tentando equacionar Leminski e Cabral. Mas não são minhas únicas duas referências, evidentemente, em poesia. Cabral e Leminski são duas das principais. O primeiro poeta que eu passei a gostar mesmo e gosto até hoje... Falo muito, ensinando nas aulas, brincando com os alunos, é claro que na base do clichê, na base da rapidez, sem teorização, mas afora o Drummond (o Drummond me lembra quando o pessoal entrevistava o Pepe dos Santos e ele sempre dizia assim: *Eu sou o cara do Santos que fez mais gols no time do Santos, fiz 300 e poucos gols*. Aí o pessoal falava: *Mas, Pepe, e o Pelé?* E o Pepe falava: *Não, mas o Pelé não conta!* Então, o Pelé não contava, então, por isso que ele era o principal artilheiro do Santos. Por que eu estou dizendo assim? Porque os meus dois poetas prediletos são Cabral e o Bandeira; alguém vai dizer: *E o Drummond?* Drummond não conta, Drummond é igual Pelé [Risos]. Então, tirando Drummond, que é *hors concours*, eu fico com Cabral e Bandeira. É aí que vem o clichê que eu falo para os alunos em sala de aula, o clichê que o Cabral é o cara da razão, do cérebro; o Bandeira, o cara, o bonitinho do coração, da emoção e tal. Ambos são primos; ambos de Recife, mas

muito diferentes entre si; eles eram muito amigos, mas nada parecidos fazendo poesia. Mas antes de conhecer e gostar de Cabral, desde moleque, bota aí 12, 13, 14, ensino médio, então, eu li tudo do Bandeira. O Bandeira foi o primeiro poeta que, com consciência, eu passei a dizer assim: *Eu gosto de um poeta*. E esse poeta era o Manoel Bandeira. E gosto dele até hoje, tanto quanto gosto de Cabral e de vários outros: Cabral, Bandeira, Leminski e os sonetistas em geral.

**PF:** Só pra fechar, porque é curioso, porque o Leminski nos vende... ele é espirituoso, mas viveu na corda bamba na maior parte de sua vida. E o Cabral, sisudo, muito compenetrado, inclusive em persistir em existir. Essa a curiosidade que eu trago comigo, que me faz achar ambos ainda mais curiosos.

**WS:** Esses escritores têm uma vida meio trágica. O Cabral, tadinho, tinha sua famosa dor de cabeça, fez o poema “Num monumento à Aspirina”, de uma dor de cabeça que não passava nunca. Tadinho, obsessivo pela leitura, um obcecado pela leitura e ficou cego, ficou muito deprimido ao fim da vida, porque foi ficando cego e morreu cego. O Leminski, do seu jeito extrovertido, o Cabral introvertido. Leminski, um alcoólatra, como você sabe, morreu de cirrose hepática, e agora o que acontece com Leminski: esse livro dele, publicado postumamente, *La vie en close*, publicado pouco depois que ele morreu, é um poema já de quem tava mal de saúde; tem uma melancolia bastante presente, mas com muito humor também. O Cabral, no final, sempre carrancudo, mas meio que ficando cego, e ficando cada vez mais chato, mas foi ficando mais humorado, mais bem humorado nos poemas finais, de *Crime na Calle: relator* em diante, e mais no que ele fez depois, e o Leminski, embora não tenha perdido o humor, mas com a saúde depauperada, você vê que entra na poesia do Leminski uma melancolia que não tinha antes no *Distraídos venceremos* nem no *Caprichos e relaxos*. Evidentemente – isso aqui não é uma banca de tese nem palestra –, os poetas são pessoas como qualquer um, e é incontornável que a vida de cada um de nós, evidentemente, interfira naquilo que nós... no que a gente escreve. Agora, você

pode disfarçar um pouco mais ou disfarçar um pouco menos, mas a gente está ali em tudo que escreve, não tem jeito.

**PD:** Vou botar a pergunta do Vitor [Ce], então: “Bith, quais são os seus critérios de escolha dos poemas para análise na coluna ‘Sob a pele das palavras’, do *Rascunho?*”.

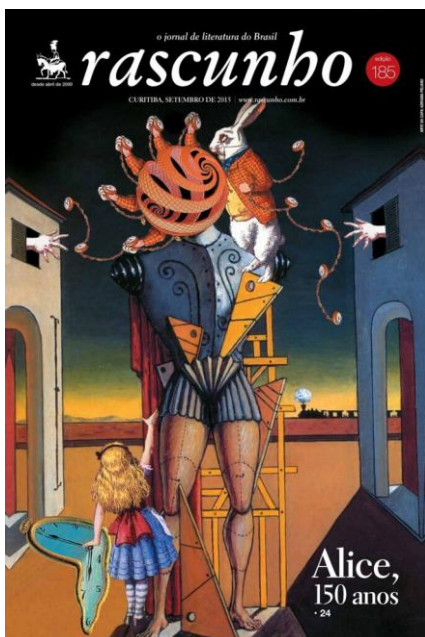


poetapaulodutra coMvida episódio 20: Literatura e Sociedade

Print da exibição do Episódio 20 do *poetapaulodutra coMvida*, com pergunta de Vitor Ce.

**WS:** Valeu, Vitor. [...] Vitor, já fiz agora, eu mandei agora a minha análise para o *Rascunho* do mês que vem, janeiro; bem diferente, eu mandei uma análise de um poema de um preso político, do Rafael Martinelli, que fez um poema na vida só. E foi esse mesmo que eu analisei; vai sair em janeiro. Mas desde quando eu comecei, já foram 65 poemas e análise de poemas... O primeiro que eu... o poeta que inaugurou a série foi Carlos Drummond de Andrade, como falamos agora há pouco, porque, até como homenagem, o título da coluna é “Sob a pele das palavras”, que é uma expressão que eu roubei do Drummond no verso de “A flor e a náusea”, quando Drummond diz “sob a pele das palavras há cifras e códigos”. Então, peguei essa expressão do Drummond – e depois vim a descobrir que o Celso Cunha, o linguista, tem um livro com esse título, também roubado do Drummond. Mas eu mantive assim mesmo. A ideia original da coluna é, era e continua sendo ainda analisar poemas de autores de língua portuguesa, os

autores brasileiros, não pego só do Brasil, e de cincho eminentemente político. Eu mantive essa pegada até a análise 40 e 50; nas últimas, 50 e 60, eu abri algumas exceções, para poemas um pouco mais eróticos, outro metapoético, metalinguístico, mas a maioria absoluta de poemas que analisei é de temática social. E não só de temática social, mas de poemas que tenham alguma coisa que faça justiça a essa expressão *sob a pele das palavras*. O que quero dizer com isso? Que segredinhos, que segredos algumas palavras ali podem conter? Que são em geral a delícia do crítico literário, quando está lendo o poema tem uma palavra, tem alguma etimologia, alguma coisa sonora, alguma bossa no poema que a gente analisando: *Caramba, acho que ninguém viu isso aqui!* Então, *sob a pele das palavras* é nesse sentido de decifrar a cifra, e, basicamente, como eu falei, de temática de cincho social. Por isso que, nesses 65 poemas ou 65 análises – acho que 60, mais ou menos, eram quase a totalidade, um ou outro eu deixei passar –, 60 tem a participação constante, frequente de textos do Adorno, o nosso Theodor Adorno; eu sempre arranjo um jeito de articular a reflexão, a análise do poema com alguma questão que esteja em algum livro do Adorno, que é um pensador, um filósofo, ligado basicamente às questões sociais. É isso aí.



Capa do jornal literário *Rascunho*

19 de novembro de 2023

## sob a pele das palavras | WILBERICH SALGUEIRO

### MANCHA, DE DRUMMOND

**Mancha**  
 Não era o mundo original  
 que se queria repetir em um  
 mesmo dia.  
 Mancha era o mundo que se queria  
 repetir em um mesmo dia.  
 Mancha era o mundo que se queria  
 repetir em um mesmo dia.

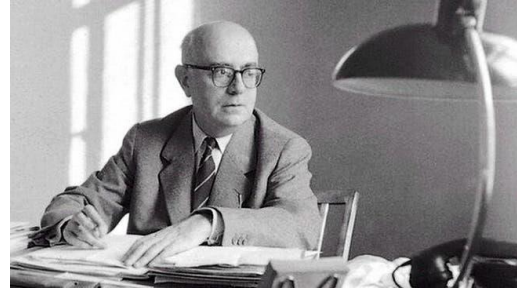
É um mundo de sonhos  
 de sonhos acordados – “por que  
 sonhos de sonhos acordados?”  
 É um mundo de sonhos  
 de sonhos acordados – “por que  
 sonhos de sonhos acordados?”  
 É um mundo de sonhos  
 de sonhos acordados – “por que  
 sonhos de sonhos acordados?”

Mancha é o mundo que se queria  
 repetir em um mesmo dia.  
 Mancha é o mundo que se queria  
 repetir em um mesmo dia.  
 Mancha é o mundo que se queria  
 repetir em um mesmo dia.  
 Mancha é o mundo que se queria  
 repetir em um mesmo dia.

Mancha é o mundo que se queria  
 repetir em um mesmo dia.  
 Mancha é o mundo que se queria  
 repetir em um mesmo dia.



e página inaugural da coluna "Sob a pele das palavras",  
de Wilberth Salgueiro.



Theodor Adorno, autor da base filosófica das análises de Wilberth Salgueiro  
em sua coluna "Sob a pele das palavras" (Foto sem crédito)

**PD:** Os textos foram reunidos nesse livro, *A primazia do poema*, publicado pela  
Editora Pontes. Saiu quando, Bith?



Livro *A primazia do poema* (2019),  
em que Wilberth Salgueiro reuniu 42 análises de poemas  
publicadas no *Rascunho*.

**WS:** 2019. Paulo, esse aqui reúne as 42 primeiras análises; já estou com 65.  
Então, agora em 2021 devo fazer *A primazia do poema II*, a volta ou a missão,  
ou o retorno, ou algo assim.

**PD:** [...] Manda brasa, Gazu.

**PF:** [...] Bith, será que o humor mudou ou será que mudamos de humor, já parodiando o Mário Manga? Como é que é o Adorno, o divisor de águas? Porque parece que a dicção mudou, sobretudo da poesia, porque você abriu mão daquele conceptismo, que o haicai, a poesia... tem uma pegada muito silogística, que dá um desfecho, e os seus poemas em prosa, prosaicos, eles são anticlímax. Fala pra gente um pouquinho sobre isso.

**WS:** Como vocês sabem, os colegas que estão ouvindo sabem, você próprio, Gazu, o Paulo Dutra, nós que escrevemos também somos professores, somos teóricos; é impossível separar – embora sejam gestos diferentes –, mas o lugar de professor e o lugar de escritor, uma coisa interfere na outra. Por que estou dizendo isso? Porque já há algumas décadas, eu acho, que eu estudo teoricamente a questão do humor, desde minha tese de doutorado, lá nos anos 90, já estamos em 2020, quase 2021, que eu estudava e estudo até hoje a questão do humor; foi minha pesquisa no CNPq durante muito tempo, eu tive vários orientandos que estudaram a questão do humor, por aí afora. Então, o que acontece com o humor? O humor não é um conceito fechado, autoevidente, único. Ele é muito multifacetado; há vários tipos de humor. É claro que, numa conversa nossa aqui, mais aberta, o que estamos dizendo aqui é, muito sinteticamente, que eu posso dizer em relação à sua pergunta *abujâmrica*, provocadora? Há humores mais – vou falar muito livremente – refinados e humores menos refinados. Não necessariamente que o humor que faça rir seja evidentemente pior do que o humor que não faça rir; não tem um humor mais inteligente ou menos inteligente, nesse sentido da proporção do riso. Mesmo porque, para uma mesma piada, tem gente que ri e gente que não ri da mesma piada. Então, não é da piada em si que se trata; muitas vezes é do receptor, do leitor, do cara do seu lado no boteco, que você conta piada e o cara que não faz nenhum sinal na cara e o outro cara tá morrendo de rir. O humor tem tudo isso aí. Um livro que você conhece, que é um tijoloço desse tamanho, de setecentas

páginas, do Georges Minois, a *História do riso e do escárnio*. Por que me veio agora à lembrança esse livro? Porque o Georges Minois é um historiador; o que ele mostra ali? Como que o riso, o humor, o escárnio e os termos afins a isso, isso vai mudando ao longo da história; as pessoas passam a rir de modo diferente. O modo como a gente ri hoje em dia não é o mesmo modo, das coisas que a gente ri hoje em dia, da Idade Média ou da Grécia por aí fora; mesmo o contexto variado, tudo vai mudando. É muito relativa a questão do humor. Tem a velha e eterna e bizantina polêmica se humor tem limites ou não tem limite etc. e tal, mas se o humor... mas indo na veia de sua pergunta, eu acho que a tendência, no meu caso, pelo menos, e em alguns colegas da minha geração, é: em ficando mais velhos, a gente vai ficando um pouco mais exigente com o humor; os jovens riem de tudo, e um cara ficando mais velho já passou por algumas coisas; então, a gente acha menos graça em qualquer besteira. E isso acho que interfere ou repercute na própria escrita; quando você vai fazer um poema, você abandona um pouco mais os trocadilhos mais evidentes e, sem deixar de fazer trocadilho, eles ficam mais escondidos, digamos assim, mais sutis. Eu acho que é por aí. Para fechar a resposta com coerência com o que eu falei antes do Adorno, o Adorno que não gostava do humor como recurso estético, por exemplo, é um cara que eu estudo, o Adorno tem só um texto, em português pelo menos, é só um texto sobre o humor, e nem é sobre o humor; ele é sobre o riso, a alegria, é um texto curtinho do Adorno, que está na internet, que se chama "Arte é alegre?" É uma pergunta o título dele e, muito sinteticamente, o que Adorno responde? *A arte é alegre quando faz pensar, não é quando faz rir*. Pro Adorno, pro filósofo Adorno, que achava que a arte é uma espécie de historiografia da dor, é muito coerente que ele ache isso, que as obras, como as de Samuel Beckett, por exemplo, que usem o humor como recurso, mas é um humor reflexivo. De maneira nenhuma o Adorno compactuaria com qualquer tipo de humor, que é o geral, que é o humor das piadas que trabalham com preconceito, trabalham com quem é veado, loira, gay, português, papagaio, qualquer... essas baixarias... judeu... Com certeza, nada disso para Adorno é humor; para ele isso é barbárie. Agora, mas o Adorno não é um teórico do humor,

é um filósofo da sociedade, da teoria crítica. Na teoria ou nos estudos sobre o humor mesmo, você encontra de tudo, Freud, Bergson, Nietzsche. Há outros modos de encarar o humor que não seja o modo adorniano, que é muito mal-humorado. Eu não sei se te respondi, não.

**PF:** Sobre as mudanças, você, dessa maneira, abandonou o conceptismo, silogismo, e aderiu ao anticlímax. Já tem a ver com a influência adorniana?

**WS:** Sim, acho que tem a ver. Para o bem e para o mal, voltando aí a uma lógica, que nem é uma melancólica, mas uma lógica da experiência da vida, quando se fala de experiência inevitavelmente se junta a idade, você vai ficando mais velho, mais experiente, você vai incorporando informação, seja como professor, seja como teórico, seja como poeta, e escritor, você vai passando por algumas coisas e vai abandonando essas coisas; algumas coisas que têm alguns jogos fáceis de palavras, que podem provocar o humor, mas *Não, isso aí é fácil demais...* Então, aquela sua primeira perguntinha lá do fácil e do difícil... Não é vontade de ser hermético, mas é uma vontade de fugir do senso comum, fugir do estereótipo. Como é que a gente faz isso aí? Com a experiência, com pesquisa, com leitura. O anticlímax, o que você chama de anticlímax, que é abandonar um pouco o desfecho engraçado, grandiloquente e impactante por algum outro tipo de desfecho, também tem suas técnicas. [...] Acho que é natural, quando a gente vai ficando mais, no popular, "bode velho", e vai abandonando certas soluções fáceis. Quando – tem a ver com essa questão do Gazu – a gente, como professor, com frequência vê a molecada, os mais jovens trazendo poemas pra gente ler e dar opinião. E, quanto mais eu tenho alguma intimidade com esse aluno ou aluna, eu já vou logo perguntando: Ah, o que você tem lido de poesia? Quais são os livros que você lê? Quais são os autores que você lê? E, para a minha antiga surpresa – hoje não mais me surpreendo –, o pessoal escreve poemas, mas não lê poemas, não lê poesia; o pessoal só quer escrever, quer ser lido, mas não quer ler poema; comprar livro de poesia então, nem pensar! Acha que se pegar a caneta, sair escrevendo, que tá inventando a roda... Mas como é que a gente



escreve poemas? Claro. Teoria da poesia ajuda? Teoria literária ajuda? Ajuda. Mas o que mais ajuda é ler muito poesia, ler muito poema, ler [...] Gregório de Matos, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Paulo Henriques, Glauco Mattoso, Paulo Sodré, Paulo Dutra... sai lendo poesia que você vai ver o que as pessoas já fizeram, pra *fugir* do que já fizeram. Embora seja um tema polêmico da vanguarda, a questão do novo, mas, sem entrar aqui em minúcias ou pol micas acerca disso, que é um tema da vanguarda brasileira e europeia, que o pós-moderno veio meio bagunçar, mas, enfim, na prática, no popular, todo mundo quer fazer algo original, algo novo. Como   que faz algo original, algo novo em poesia? Fazendo poemas, pesquisando ao máximo o que fizeram antes de você. É por isso – porque as coisas estão todas conectadas –, por isso que tenho uma certa implicância, uma certa grande implicância com rimas consoantes, porque elas são em geral fáceis, porque elas são previsíveis já pela própria desinência que puxa a outra; a rima toante você nunca sabe o que pode vir. Daí uma certa implicância. Eu sempre lembro, em aulas, em papos sobre poesia, para mim, ainda hoje, a melhor defini o de rima boa do Décio Pignatari – um livrinho muito pequenininho dele, na internet, chama a *Comunica o poética*, do Décio Pignatari –, que ele disse que a melhor rima é a imprevisível. Mesmo que seja uma rima consoante, mas se ela foi imprevisível, essa vai ser a melhor rima. Não rima rica, rima pobre, consoante, toante. É o caráter de surpresa que a rima traz.   o que eu tento, na medida do meu limite, fazer. Tanto é assim, que o Felipe Fiuza leu os dois sonetos, eu acompanhei aqui, lendo com o livro na mão, mas para quem s  ouviu o soneto – aqui a questão da poesia lida ou poesia ouvida –, os meus sonetos não são muito *ouvíveis*, porque eu trabalho o tempo todo com corte do verso; é para atrapalhar mesmo,   pro olho, não é pra ouvido. Então é meio chato ouvir e ler um poema meu [Risos].

**PD:** Gazu, eu posso pegar um gancho e discordar do Bith (que é “chato ler um poema” dele), e *ler* um poema dele, inclusive comentar sobre o que ele falou da rima inesperada, não  ? [...] Bith, eu não li esse texto particularmente do Adorno, mas numa das *lives* aqui, nós discutimos um pouquinho essa questão, de que

esses temas para piadas, isso não são piadas. Você costuma me chamar de bravo, de turrão, tem algo de adorniano então na minha abordagem ao humor [...].

**PF:** Só uma colocação pro Paulo Dutra: “humor inteligente” é pleonasmo.

**PD:** Sim, porque foi só isso mesmo que nós falamos. Se você se acha inteligente, você não ri dessas piadas que, para Adorno, não são piadas. Bom, um dos poemas do *Personcontos* que eu mais gosto, ele é o número 8, “Maria”, por razões óbvias:

Falecidos, seus pais, uns intelectuais,  
deram-lhe de nascença: Verana Ravena.  
Assim sem sobrenome, sem crisma, sem pena.  
Um dia, sem que tais, se disse: nunca mais!

Sim, odiava o próprio nome. No cartório,  
o escrivão Carlos Vaz, de cor: “Você faz  
conforme o seu doutor advogado. É só.”  
Mudaria afinal os nomes infernais.

Mas seu destino estava escrito em alexandrino:  
casou-se com Edgar, poeta e da garrafa.  
A vida imita a arte? Não quero ser *partner*

(pensou, rindo da rima, tão rica e bilíngüe)  
em tramas de sinais. Agora sou Maria  
– anagramas jamais – Maria de Maria...<sup>8</sup>

**WS:** Legal. É pra falar alguma coisa, não, né?

**PF:** Bith, [...] quando eu falei do anticlímax, na verdade, é que você está reinventando expectativas. Você está flertando com outros modos de expectativas, para poder atrair o leitor ou até decepcionar o leitor, até determinado ponto mesmo. Acho que a palavra até cabe, né? Que você não está muito preocupado com um sorriso... [...] Mas quero saber sobre – que é a

<sup>8</sup> BITH. Maria (08). In: \_\_\_\_\_. *Personcontos*. Vitória: Flor&Cultura, 2004. p. 20. (N. E.).

temática da nossa conversa, que é literatura e sociedade – onde é que o casamento ruiu ou se é que um dia ele deu certo ou a relação foi sempre abusiva.

**WS:** Literatura e sociedade?

**PF:** É.

**PD:** Eu acho que o Bith pode responder a essa pergunta aí. Eu sou a favor de o Bith responder essa pergunta aí.

**WS:** [...] Acho que nunca ruiu, não. Impossível... [...] O casamento, usando sua metáfora da indissociabilidade de literatura e sociedade, é fadado à eternidade, porque jamais vão se separar, porque você não tem uma coisa sem outra; mesmo o poema, o poeta que se queira, ingenuamente, romper esse casamento é um ingênuo, é um fraco, é um burro, porque é um casamento que é inseparável. Mesmo um cara que queira fazer um poema mais meta, meta, metapoemático, lá do Pantanal, tipo Manoel de Barros da vida, achando que isso tá desligado de alguma forma da sociedade, isso não existe [...]. Evidentemente, o que tá embutido nesse título que vocês deram aqui ao nosso encontro e na pergunta, tá embutida uma provocação no sentido de que há literatura, há obras que são, mais ou menos, explicitam esse casamento e outras obras que explicitam menos esse casamento. O que que eu tô dizendo, que mais ou menos explicitado isso, o fato é que em todos é casado para sempre. Para dar um exemplo claro, porque isso aqui não é aula, mas, como você sabe, eu trabalho agora com a questão do testemunho, por exemplo. Eu falo muito em sala de aula isso: Todo poema é testemunhal? Toda obra é testemunhal? – como diz o Márcio Seligmann – Tem um teor testemunhal? Todos eles têm; pode ser, num grau de 0 a 10, pode ser 10 o grau, pode ser 1 ou pode ser 0,3. Todo poema, toda literatura tá ligada à realidade? Evidentemente que sim. Agora, é claro que se eu pego lá um poema do Décio Pignatari, que comentei agora há pouco:

beba coca cola  
babe cola  
beba coca  
babe cola caco  
caco  
cola  
c l o a c a

9

Um poema visual, concretista, evidentemente uma crítica à multinacional Coca-Cola e a merda que isso representa. É um poema muito evidentemente ligado à questão social. Mas se eu pego um poeminha do Cassiano Ricardo: um poema é “Uma ilha cercada de palavras [...]”<sup>10</sup>. É um metapoema e tal. Mas eu posso analisar essa “alienação”, essa obsessão metapoética modernista do Cassiano Ricardo como uma espécie de... Por que em vez de falar disso ele não fala das questões nacionais, que estão lá fervilhando nos poemas do Bandeira, do Mário, do Oswald? Porque ele saiu por essa tangente? A ausência da temática do contexto histórico do Cassiano Ricardo nesse poema, essa ausência é social e por aí em diante. O casamento, ele é, repetindo aqui o que a Junia [Zaidan] disse no chat aqui, “forçado” e “inescapável”. Agora, claro, uma das questões que mais tem me interessado atualmente, Gazu, que é central nessa pergunta, que é – nem é um resgate – uma reflexão mais constante acerca desse termo *engajamento*. É um termo muito polêmico, mas eu tenho cada vez mais sido simpático, digamos assim, à questão de obras mais sociais, mais engajadas. Tanto que a minha coluna, como Vitor [Ceí] perguntou agora há pouco, eu privilegio poemas de temática mais social. Por exemplo, já que eu falei mal do Manoel de Barros, vou falar mal da Adélia Prado agora. Pega um poema erótico ou sagrado da Adélia Prado; ela tá falando da vida dela, mineira. Mesmo que ela não queira, mesmo que ela não saiba, talvez, a obra dela, o poema dela tá

<sup>9</sup> PIGNATARI, Décio. *Poesia Pois É Poesia 1950-2000*. Cotia; Campinas: Ateliê; Edunicamp, 2004.

<sup>10</sup> RICARDO, Cassiano. Poética. In: \_\_\_\_\_. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: José Olympio, [s. d.]. p. 208.

trazendo aqueles valores sociais, ideológicos incorporados ali. Para dar um exemplo para a galera que está nos assistindo, para mais uma vez fixar essa figura forte do Adorno, é uma historinha que é conhecida entre nós, mas não sei se todos conhecem: o Adorno adorava o Beckett, exatamente, fez vários artigos sobre Beckett, analisou *Fim de jogo* [*Fim de partida*] etc. E fala muito de Beckett na *Teoria estética*, cita Beckett aqui e acolá. Então, ele fala muito de Beckett disparadamente, e concentrou alguns artigos no Beckett. Um dia – pra abreviar a história aqui, que nosso tempo vai chegando ao final – se encontram o Adorno e o Beckett, e o Beckett fala assim com Adorno: *Ah, li uns textos seus que você fala de mim, mas eu não achei que eu faço aquilo que você disse que eu faço, não.* Adorno respondeu: *Você que não sabe* [Risos]. Adorno disse pro Beckett que ele que estava errado, ele não sabia que ele fazia aquilo que ele, Adorno, disse que ele fazia na obra dele. Que era o quê? Que era uma profunda reflexão acerca da sociedade tal como nos termos do Adorno. Assim, o casamento não ruiu, sempre existiu e não tem juiz que vai separar isso [Risos].

**PF:** Vamos lá, Paulo. Passa pra plateia.

**PD:** Como o Bith já disse, nós estamos nos encaminhando para o final. E já estamos, como o Gazu fala, *gastando* o Bith. Há duas perguntas da plateia [...]. Mas acho que vou botar as duas perguntinhas aqui; eu acho que Bith pode tentar ser sucinto na resposta. A primeira é do Vitor Cei: “Quais autores recentes de humor político Bith aprecia?” – pode fazer uma listinha aí, Bith, talvez –, e a pergunta da Rita [Uliana]: “Bith, pra você certas letras de música podem ser consideradas poesias?”.

**WS:** Eu vi a pergunta do Vitor aqui no cantinho, aqui nos comentários, corri e peguei, já estava aqui no meu ladinho, esse livrinho bem simpaticinho... Essa antologia do Gregório Duvalier, chamado *Breve antologia da poesia engraçada* – que é uma longa história, nem vou contar agora – mas eu também estou nela por acaso, que tem um poeminha meu aqui, então tem vários aqui, Vitor, que

são bem legais. Agora, de humor, de poesia de humor político especificamente, tem o Glauco Mattoso, que é muito político escrevendo, que escreve especificamente soneto. O Glauco é uma metralhadora giratória, o pessoal acha que é de esquerda, simplesmente, mas ele é mais anarquista do que tudo. Ele é um supercrítico da esquerda, sempre foi um crítico muito grande do PT, por exemplo, então alguém que não sabe bem da vida dele, acha que ele é petista, ou de esquerda, algo assim, mas ele é muito mais anarquista do que tudo. Glauco é um desses nomes do humor político. Tem um tal de Messias Botnaro<sup>11</sup> [Risos], também – que eu tô sabendo. Estou falando só de poesia, nem vou abrir para a prosa que é outro mundo. Ricardo Aleixo, fundamental, é o humor político não só ligado à negritude ou questões do racismo etc., mas de vários outros temas. A Angélica Freitas, eu falei do racismo, agora lembrei do machismo, da questão feminista. A Angélica Freitas é muito legal. Bastam esses três aqui, a Angélica Freitas, o Ricardo Aleixo, o Glauco, que é já de uma velha guarda. E, já que falei do Glauco, o Augusto de Campos. Augusto de Campos está quase com 90 anos, fazendo altos poemas visuais maravilhosos, muito bacanas. Só para não me estender, tá, Vitor?



Poetas do humor político, segundo Wilberth Salgueiro. Além de Glauco Mattoso, Ricardo Aleixo (Foto Produção Lira), Angélica Freitas (Foto sem crédito) e Augusto de Campos (Foto de José Pelegrini).

<sup>11</sup> Trata-se de um misterioso autor dos tempos da pandemia de covid-19 e do bolsonarismo, cuja identidade está oculta ainda. Publicou os livros *Minha Luta: Obra Reunida* (Cousa, 2020) e *armas e rosas* (Pedregulho, 2022). Em seu blog, lê-se: "Messias Botnaro, o inimaginável, nasceu em Glicério (SP), em 1955. Morreu em Brasília (DF), em março de 2020. Causa mortis: B34.2. U07.1. Foi o primeiro narrador e personagem da história da literatura brasileira (quicá mundial) a morrer de Covid-19. Uma fake news da extrema imprensa diz que Messias Botnaro é o nome que assina a obra de escritor(es) que não deseja(m) ser identificado(s)" (N. E.).



poetapaulodutra coMvida episódio 20: Literatura e Sociedade

Print da exibição do Episódio 20 do *poetapaulodutra coMvida*, com pergunta de Rita Uliana.

Rita perguntou de música; com certeza, sim. Rita, hoje, por acaso, à tarde eu participei de uma banca de Mestrado aqui da Ufes, uma banca superbacana sobre Belchior, muito legal, um trabalho bem bacana da Camila Gabriel, do nosso PPGL. E Belchior superletrista. Com certeza, sim: Caetano, Chico, Gil, Belchior, Calcanhoto. Mais quem? Melodia, fora os sambistas da antiga... Não tem nem dúvida. Claro, se quiser polemizar a gente polemiza: *Mas aí tudo vai ser poesia?* Como a gente já está no finalzinho aqui, vou abrir uma polêmica: a gente junta uns oito caras para fazer um pagode de ah éê ôô não sei o quê e tal e bota em verso. A letra da música do Chico, o "Quereres", de Caetano Veloso, que é uma obra-prima fechada, vai ter o mesmo patamar – como diria o Bruno Henrique [Risos] –, ela tá no mesmo patamar desse pagode aí dos oito caras que juntaram e fizeram um a e i o u? Não, aí acho que o buraco é mais em baixo. Mas, em princípio, tanto como tem poemas que não são letras de músicas que são bons e ruins, melhores e piores, a despeito da questão do valor estético, também há letras de música que você pode achar que são melhores ou piores. Em geral, a minha resposta é, com certeza, sim. Com as óbvias especificidades de ser também música, o que interfere às vezes até no sentido da música. Para encerrar essa pergunta feita no final, Paulo, me reporto aqui, porque é um papo diferente que a gente tá levando aqui, mas quando eu falo em sala de aula, tem milhões de exemplos sobre isso, mas eu vou deixar um que me ocorre aqui agora. Eu

gosto desse exemplo, porque ele é muito provocador. Aquela música do Djavan, aquela música “Se...”: “Você disse que não sabe se não / Mas também não tem certeza que sim [...]. Então, no final, o Djavan canta: “[...] Mais fácil aprender japonês em braile / Do que você decidir se dá ou não [...]”<sup>12</sup>. Ele canta assim: “do que você decidir se dá ou não”. Porque como é essa letra desse verso: “Mais fácil aprender japonês em braile / Do que você decidir se dá ou não”. Ele tá cantando a moça; só que quando ele canta a canção a gente não entende isso (“Do que você decidir se dá ou não”). É um verso, uma letra de um poema; quando passa pra música, com a manha, ele esconde esse sentido quase pornográfico: é *mais fácil aprender japonês em braile do que você decidir se me dá ou não* – ele fala pra moça que está sendo cantada. São as interferências específicas da música. Djavan faz muito isso; Caetano, Chico, Gil, enfim, vários fazem isso.

**PD:** Eu aconselho a leitura do artigo do Bith sobre uma análise que ele faz do “Quereres”; não lembro onde está publicado, mas aconselho essa leitura<sup>13</sup> [...].



Capa e página da coluna “Sob a pele das palavras”, em que Wilberth Salgueiro analisa “O quereres”, de Caetano Veloso.

<sup>12</sup> DJAVAN. Se. In: \_\_\_\_\_. *Coisa de acender*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1992. Disponível em: <https://djavan.com.br/discografia/coisa-de-acender/>. Acesso em: 21 set. 2023 (N. E.).

<sup>13</sup> SALGUEIRO, Wilberth. “O quereres”, de Caetano Veloso. *Rascunho*, Curitiba, n. 224, p. 18, dez. 2018. Disponível em: <<https://rascunho.com.br/edicoes-impresas/edicao-224-dezembro-de-2018/>>. Acesso em: 25 set. 2023.



Para quem não sabe o Bith é professor de todos. Professor titular da Ufes, mas ele é ponta esquerda *reserva* de qualquer pelada, fica dizendo que sabe jogar bola, que não sei o quê... Manda brasa, Fiuza.

**FF:** OK, valeu, Paulo, muito obrigado, foi um prazer; valeu, Gazu. Valeu, Wilberth, um prazer ler aí os seus poemas; que são *ouvíveis*, são bastante ouvíveis [Risos].

**WS:** Eu concordo com Felipe Fiuza. Não que seja uma obra-prima *O jogo* [, *Micha & outros sonetos*], mas *O jogo* foi... o *Personcontos* é de 2004, *O jogo* é de 2019. Então, assim, é o que eu falei agora há pouco com Gazu: são 15 anos de maturidade, maturação; a gente vai ficando mais cascudo nas artes. Então, aquela velha história do cara que faz um quadro, o quadro está em branco e o cara vai lá e pinta em dez minutos. O cara diz: *Pô, fez em 10 minutos?* O cara diz: *Não, demorei 55 anos para fazer isso!* Obras, às vezes, saem em cinco minutos, mas cinco minutos que são resultado de décadas de existência. Ele vai juntando, acumulando e uma hora sai... Tem uma [pergunta] de Rogério RO.

**PD:** Dá tempo de responder essa pergunta, Bith?

**WS:** Dá, claro. Rogério é meu orientando, ele merece.

**PD:** Então vou mandar aqui a pergunta do Rogério e depois volto a palavra com Gazu. "Você acha que a poesia contemporânea se preocupa mais com o engajamento crítico-social do que com a qualidade estética?"



Print da exibição do Episódio 20 do *poeapaulodutra coMvida*, com pergunta de Rogério R[ufino de]O[liveira].

**WS:** Bom, poesia contemporânea é uma coisa muito abrangente. Sob esse rótulo é um mundaréu de gente. Aqui na minha tela tem quatro poetas: eu, Felipe, Gazu e Paulo. Entre vocês aqui há outros, que eu sei, Paulo Sodr e e outros colegas que estão a i ouvindo. Então é muita gente que faz poesia contemporânea. Eu tenho vários artigos tratando de poesia contemporânea, que eu estudo desde meu doutorado, nos anos 90<sup>14</sup>, o contemporâneo vai andando e eu vou andando junto com o contemporâneo, sempre na rabeira do contemporâneo. Então, é muita coisa. Eu fiz um artigo<sup>15</sup>, que tem dado uma certa pol mica em alguns lugares, em que eu – mas esse artigo tem uns 10 anos, mais ou menos – em que eu falo que eu tomo uma posi o, dizendo que a poesia contemporânea de dez anos atrás é uma poesia desengajada, desengraçada, autotélica e mais alguma coisa; são quatro coisas ruins que eu atribuo   poesia contemporânea do ponto de vista da hegemonia, da maioria até onde eu alcanço.

<sup>14</sup> SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. *Forças & formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea (dos anos 70 aos 90)*. 1996, 329 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-gradua o em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996. Publicado em livro, sua última edi o está disponível em: <[https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11970/1/digital\\_forcas-e-formas.pdf](https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11970/1/digital_forcas-e-formas.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2023.

<sup>15</sup> Id. Poesia brasileira do século 21: ensimesmada, desengajada, desengraçada (no entanto, um poema de Paulo Ferraz). In: ANAIS do XIII Congresso Internacional da ABRALIC. Internacionaliza o do Regional. Campina Grande: Realize, 2013. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/4611>>. Acesso em: 25 set. 2023.

Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC  
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013  
UEPB – Campina Grande, PB

POESIA BRASILEIRA DO SÉCULO 21: ENSIMESMADA, DESENGAJADA, DESENGRAÇADA (NO ENTANTO, UM POEMA DE PAULO FERRAZ)

Prof. Dr. Wilberth Salgueiro<sup>1</sup> (UFES / CNPq)

Resumo

Alguns traços da poesia brasileira do século são: trata-se de [a] uma produção solipista, centrada nos acontecimentos singulares da vida do sujeito que escreve – ensimesmada; de [b] uma produção indiferente a questões de cunho político, social, coletivo – desengajada; de [c] uma produção em que é rara a presença crítica do humor (quando muito, dá-se a ver certa ambivalência irônica) – desengraçada. Na contramão desses traços, aqui e ali aparecem poemas e poetas em que o interesse pelo outro se impõe como força e tema. É o caso do poema “De uma crítica publicada num suplemento cultural de domingo”, de Paulo Ferraz (2007), que será lido a partir de conhecido trecho da *Teoria estética* [1970], de Theodor Adorno, que diz que “os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas iminentes da sua forma”. A poesia de testemunho é, ela mesma, um campo de conflitos entre lírica e sociedade, forma e história, arte e vida.

**Palavras-chave:** Poesia brasileira – século XXI, testemunho, Paulo Ferraz.

Em curta e recente “Apresentação” para um número especial sobre poesia do periódico *Enantia*, Luiz Costa Lima se pergunta: “Que penso sobre a poesia brasileira em processo de feitura?”. Responde, com tom truísta: “De imediato, que é impossível haver alguém que a conheça por inteiro” (2012). De fato. Mesmo assim, afirma que “é certo que a maioria [dos novos poetas] não nos anima a pesar de suas primeiras peças”. Como sua “Apresentação”, em princípio, funciona à maneira de abertura para os artigos da revista, declara sua simpatia a alguns poetas referidos em tais artigos, como Joseely Vianna Baptista, Leandro Samatá, Michelny Verusmi, Ronald Polito, e ainda Carlos Azevedo e Sebastião Uchoa Leite – todos, segundo o autor de *Dispersa demanda*, “ainda pairam no limbo do reconhecimento”, em favor de outros, “recentemente consagrados”, que mais “parecem multifacções”, estes outros, no entanto, não são indicados pelo crítico. Indica-se, sim, que os “poetas”, entre inúmeras águas, “em geral não curtos, tocos e de fácil feitura” – com o que, em geral, concordamos.

De grande valia será a explanação de três “condicionantes básicas para os dilemas enfrentados pela poesia brasileira mais recente”. A primeira remete, em síntese, à relação entre *texto e contexto*: no caso em pauta, o crítico verifica, com precisão, a “completa distância entre os valores do mundo contemporâneo e a experiência poética”. Para ele, o momento atual perpetua um tipo de percepção que Benjamin já detectara desde Baudelaire: “o poema não mais responde à vivência (*Erfahrung*) do leitor, senão que desvê à sua experiência (*Erfahrung*)”. O segundo dilema diz respeito ao *próprio fazer, ao ofício do*

<sup>1</sup> Costa Lima cita os textos de Eduardo Souto (“Cidades, vago-lumes, fogos-flechas”), Luis Dolnikoff (“A razão da poesia”) e André Dick (“Poesia brasileira contemporânea: algumas notas”).  
<sup>2</sup> Já aqui algum cuidado no que toca, pelo menos, ao reconhecimento da poesia de Carlos e de Uchoa Leite. Para o exatista, possívelmente, cada poeta não vive em reconhecimento que ele julga merecido. Isso, contudo, que há, sim, no conjunto da crítica recente de poesia brasileira, um saldo bem positivo em relação às obras dos dois.

ISSN 2317-157X

Artigo  
Anais ABRALIC Internacional



POESIA BRASILEIRA DO SÉCULO 21: ENSIMESMADA, DESENGAJADA, DESENGRAÇADA (NO ENTANTO, UM POEMA DE PAULO FERRAZ)

ANALIS de Evento  
ISSN: 2317-157X

Publicado em 12 de julho de 2013



Resumo

A pesquisa – da qual esta comunicação faz parte – se dedica a investigar a poesia brasileira do século 21, procurando detectar, sobretudo, a presença dela nela da violência em algumas de suas múltiplas manifestações, como (a) a misandria e a desigualdade econômico-social, (b) os diversos preconceitos de caráter étnico-racial e sexual, (c) a permanência de traços de autoritarismo, como a corrupção institucionalizada e o abuso de poder. Algumas questões a serem analisadas: 1) se a poesia produzida pela poesia recente incorpora e encena grande parte dos conflitos e dramas sociais coletivos; 2) como essa representação se faz. *Ágraves*: base de cinema e

Print da página inicial dos anais eletrônicos do XIII Congresso Internacional da Abralic<sup>16</sup>, em 2013, e do artigo polêmico de Wilberth Salgueiro sobre a poesia brasileira contemporânea.

Mas o que eu tenho percebido muito recentemente, de uns 8, 5, 3, 2 anos para cá, é que de fato se espalhou na poesia contemporânea brasileira uma vontade, uma potência, um desejo, um engajamento que seja, que não existia dez anos atrás. Como é que se explica isso? É óbvio: uma derrocada, a queda de um partido de esquerda, dando lugar a esses *bozominions*, essa direitização, essa *caretização* da vida, no Brasil, nos Estados Unidos, em todo lugar. Então, a gente tinha uma poesia, nesse sentido, muito comportada, preocupada com outros elementos, já que a política tava sendo “bem cuidada”, com todos os equívocos que um governo de esquerda pode ter tido, mas só que a gente viu isso com as manifestações de junho, com o golpe da Dilma, com a volta da *direitização* aqui do Bolsonaro etc.; a gente viu um outro mundo aparecendo. Isso cavoucou a poesia; então, nos poetas a temática social de novo emergiu. O que se percebe agora nos últimos anos, de fato, é uma eclosão, um surgimento, nesse sentido, ótimo – pena que tenha sido produzido, tenha sido movido por esse contexto

<sup>16</sup> Associação Brasileira de Literatura Comparada (N. E.).

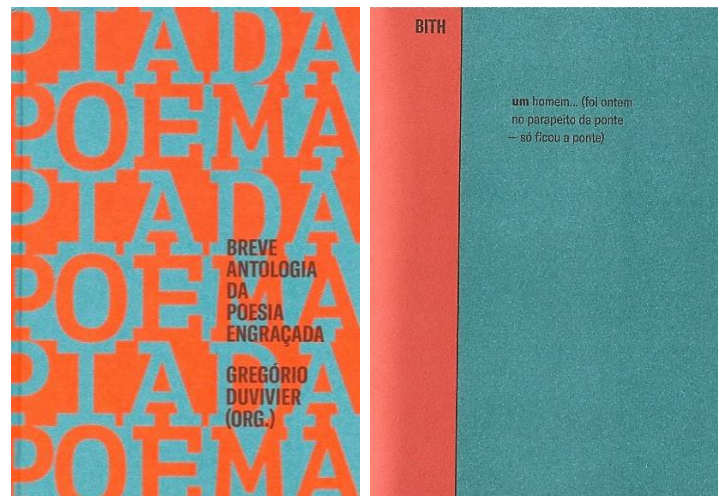
histórico político de direita que vivemos no Brasil e nos Estados Unidos e no mundo. Mas parece que o Joe Biden, que não é nada de esquerda, que a gente nem conhece, seja um prenúncio para a queda, pra derrocada aqui desse espírito trevoso que está aqui no Brasil também. A resposta que eu acho é essa, Rogério: hoje há, se não uma hegemonia, um crescimento muito grande dessa poesia crítico-social. Agora, sobre a qualidade estética é complicado, porque isso implica um valor, uma questão de valor estético – como nós já conversamos algumas vezes. A questão do valor estético é das mais complicadas na Filosofia, na teoria estética, porque ninguém chega e diz: *Vou fazer um mau poema* ou *Vou fazer um bom poema*; as pessoas fazem um poema. Se é bom, se é mau, é a crítica que vai dizer. E nem a crítica se entende, nem a teoria estética se entende pra dizer consensualmente o que vem a ser um bom ou mau poema, se não, não haveria tantas correntes, tanta crítica sendo feita por aí, porque a divergência, ela é que inteira, e não o consenso acerca do que vem a ser bom ou mau, do que vem a ser o valor estético. É o que eu acho.

**PF:** Bom, Bith, o papo seria inesgotável, teria muita coisa a dizer, mas realmente estamos te *gastando*, mas você merece. Vamos esperar uma outra oportunidade. O meu último posicionamento, que nem seria pergunta, tem a ver com o que o colega acabou de perguntar. Porque nós discutíamos muito a relação entre apocalípticos e integrados<sup>17</sup>. E essa dicotomia tomou muito tempo, e hoje em dia a gente vem – principalmente no nosso caso, que temos crianças, filho de 10 anos, nesse métier –, dá um desespero olhar para essas crianças e, ao mesmo tempo, por questão de sobrevivência, não podemos nem ser apocalípticos nem ser integrados; temos que arrumar uma terceira margem pra isso e, na verdade, ninguém sabe bem qual é, como vai ser e como será... Mas agradecer: muito grato pela sua presença e de todos que aí compareceram. E deixar, neste momento, só alegria.

<sup>17</sup> Cf. ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1991.

**WS:** Beleza. Um poeminha, um haicaizinho meu que faz parte da antologia do Gregório Duvivier, tinha um contexto lá no livro *Digitais*, tem um contexto aqui nesse livro e tem um outro dito aqui, mas ele – eu acho que sei de cor –, o haicaizinho, diz assim:

um homem... (foi ontem  
no parapeito da ponte  
– só ficou a ponte)



Capa de *Breve antologia da poesia engraçada*, de Gregório Duvivier, e página com o haikai de Bith.

O cara botou esse aqui na antologia de poesia engraçada; o poema tá sugerindo um suicídio – “um homem (foi ontem / no parapeito da ponte / só ficou a ponte)”. Não fui eu que mandei; foi o Gregório Duvivier que escolheu pra botar aqui na poesia engraçada [Risos]. Como é que os contextos, né...? Claro, quando eu fiz também eu fiz com certo humor também. Não morava em Vitória – não tem nada a ver com a Terceira Ponte isso aqui, que é de onde as pessoas pulam bastante –, mas quando eu fiz lá no Rio de Janeiro, morava lá, eu não pensei em nenhuma ponte em especial, somente na solidão do sujeito que pula, que pode pular da ponte. Enfim. Mas a gente fica falando sem parar aqui, como se estivesse dando aula... Tantos colegas aqui: Leonardo, Fabíola, Paulo, Vitor, Keila... Obrigado pela paciência de vocês aí.

**PD:** Valeu, Gazu. Valeu, Bith. A gente vai terminar da seguinte maneira: acho que Gazu já se despediu, a não ser que ele queira se despedir de novo; eu vou me despedir, o Fiuza vai ler mais um poema, e aí o Bith se despede e lê um poema também. E aí a gente dá tchau, OK? Tá bom assim?

**WS:** OK.

**PD:** Então eu vou dizer muito obrigado às pessoas que estiveram conosco durante esses 20 episódios. Eu e Gazu estivemos aqui por 20 episódios. Agradecemos muito. Estivemos vivos e ao vivo; a gente volta no ano que vem; a gente vai tirar um mês de férias, por aí, eu e Gazu, e a gente vai voltar no ano que vem com o programa. Fica aqui nosso agradecimento uma vez mais. Não se esqueçam de se inscrever no canal. Eu descobri que isso realmente é importante; eu achava que não era, mas parece que é; tem que chegar a 1.000 inscritos. Deixar o *like* aqui embaixo, nas notificações, e deixar o *dislike* também; o *dislike* também faz parte, a gente também aprecia os *dislikes*. Obrigado, Bith; valeu, Gazu, e manda brasa, Fiuza.

**FF:** "O epílogo"

Fim de jogo. Sem pressa alguma, o si  
lêncio se faz dono do campo, onde há  
pouco se viu o que se leu (eu, ao  
menos, vi): raros jogadores se

reinventando, épicos, gigantes  
em quixotescos modos de moinho.  
Todos têm nomes – que se esquecerão  
(feito os tupis e os negros, de Hiroshima,

Brasil, Auschwitz). Até que venha alguém  
e, sobre a pátina da grama, dê  
uma demão de tinta, que, bem verde,

fará de novo aquilo que já fora.  
Tudo tem epílogo. Mesmo o cosmo  
(micro, macro), você, eu. Mesmo o jogo<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> SALGUEIRO, *O jogo, Micha & outros sonetos*, op. cit., p. 63.

**WS:** Pra ler, Paulo, aqui?

**PD:** A palavra agora é sua, e, quando você me der um sinal de OK, eu acabo a *live*.

**WS:** Então, assim... um nada social, vou ler um poema erótico, que tá n' *O jogo, Micha [& outros sonetos]*, pra esquentar as noites aí. Se chama exatamente "Na cama". Então, eu leio e aí se encerra:

Enquanto... bem, enquanto rola um beijo,  
um chamego, um agarro, muitas mãos  
se transitando pelos pelos, pelos  
buracos, orifícios, cavas, vamos

sem nexo algum, sem ordem, sem saber  
aonde e quando e como chegar, ambos,  
ávidos, Himalaia e Everest,  
virando vulcões, lava e neve, quase

vesgos, agora visgos, e de re-  
pente paramos de soar, dia-  
crônicos, e voltamos ao tal beijo,

sem chamegos, buracos, pelos, lavas  
– cada corpo diante do problema  
da carne, cama, campá (que se acabam)<sup>19</sup>.

49. EPÍLOGO

Fin de jogo. Sem pressa alguma, o si-  
lêncio se faz dentro do campo, onde há  
pouco se viu o que se fez (eu, ao  
menos, vi): raros jogadores se  
movimentando, épicos, gigantes  
em quíntos modos de moncho.  
Todos têm nomes – que se esquecerão  
(rito os tapas e os negros, de Hiroshima,  
Brasil, Auschwitz). Até que venha alguém  
e, sobre a pátina da grama, dê  
uma demão de tinta, que, bem verde,  
fará de novo aquilo que já fora.  
Tudo tem epílogo. Mesmo o cosmo  
(micro, macro), você, eu. Mesmo o jogo.



NA CAMA

Enquanto... bem, enquanto rola um beijo,  
um chamego, um agarro, muitas mãos  
se transitando pelos pelos, pelos  
buracos, orifícios, cavas, vamos

sem nexo algum, sem ordem, sem saber  
aonde e quando e como chegar, ambos,  
ávidos, Himalaia e Everest,  
virando vulcões, lava e neve, quase

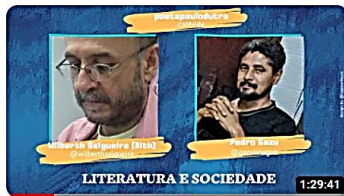
vesgos, agora visgos, e de re-  
pente paramos de soar, dia-  
crônicos, e voltamos ao tal beijo,

sem chamegos, buracos, pelos, lavas  
– cada corpo diante do problema  
da carne, cama, campá (que se acabam).

Capa de *O jogo, Micha & outros sonetos*  
e páginas dos poemas lidos "Epílogo" e "Na cama", de Wilberth Salgueiro.

<sup>19</sup> Id., *ibid.*, p. 90.

Tá aí. Obrigado. Boa noite, pessoal. Obrigado por todos aí presentes: Juliana, Poliana, Vera e um monte de gente que conheço aqui. Bacana!



poetapaulodutra coMvida episódio 20: Literatura e Sociedade  
210 visualizações • Transmitido há 2 anos

poetapaulodutra coMvida

Neste último episódio do ano de 2020, eu e Gazu contaremos com a presença do Wilberth Salgueiro ou, como ele é mais ...

Prints do canal *poetapaulodutra coMvida* e da chamada para a exibição do Episódio 20, com Bith (Wilberth Salgueiro), Paulo Dutra e Pedro Gazu (Pedro Freire), em 2020.